



## A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS E ÁGUIA DO PARAÍSO DANTESCO NA COMPOSIÇÃO DO CORPO UNIVERSAL

Domingos Pedro de Alcântara<sup>1</sup>

### Tópicos

*O ser e a essência, o indivíduo, os diversos formam o universo.*

*O corpo universal de cristo (o grande simurgh).*

A Árvore do Mundo vem citada no *Gênesis* e situada no meio do Jardim do Éden, junto com as árvores da Ciência e das do Bem e do Mal. O Pilar do Mundo, outra denominação para o eixo cósmico, é complementar da Montanha Central. Seus galhos alcançam o Céu e suas raízes mergulham no Inferno. A figura da árvore está associada à do pássaro pelo vôo, que viabiliza alcançar as inacessíveis zonas das alturas. Essas figuras também são encontradas nas culturas xamânicas, na formação da cosmologia religiosa e científica. O xamã pode acessar outras zonas cósmicas, infernais ou celestiais, e realizar viagens extáticas, por intermédio de sua indumentária de penas.

Em um dos *Nove Ensaíos Dantescos*, Jorge Luiz Borges discorre sobre o Simurgh, pássaro mítico também citado no livro *O Ator Errante* de Yoshi Oida em suas viagens e experimentos com o diretor de cinema e teatro Peter Brook. Ambos autores trazem do Oriente um poeta persa que antecede um século Dante Alighieri, chamado Farid al-Din Attar com sua narrativa *Mantig al-tayr* (Conferência dos pássaros).

No primeiro texto, o escritor argentino descreve o Simurgh, fazendo uma analogia com a águia descrita por Dante na passagem do céu de Marte para Júpiter. No segundo, o ator japonês compara a viagem dos pássaros com a viagem que a trupe de atores fizeram pelo deserto do Saara. Em ambos fica em evidência a questão de quem procura é o que procura: como diz Attar em seu texto “fizestes uma longa viagem para chegar ao viajante”<sup>2</sup>.

Há um jogo de palavras que no idioma original se faz entre “o pássaro e os pássaros”: o pássaro SIMURGH (indivíduo) e os “trinta pássaros” indicados nos dois vocábulos (**si morgh**).

<sup>1</sup> E-mail: cemcantos@yahoo.com.br

<sup>2</sup> OIDA, Y. *Um ator errante*. Ed. BECA, pp130



Na fábula, as aves – para resolver uma questão – partem em busca de uma meta transcendente. Muitos desistem e morrem durante o percurso, mas alguns conseguem realizar o feito. Entretanto, ao chegarem, não encontram nada a não ser a si mesmos, restando apenas a experiência: a viagem em si é o objeto a ser resgatado. Descobrem que – ao findar a jornada – os pássaros sobreviventes, juntos, formam essa águia de dimensões colossais, assim como a ave Roc nas aventuras de Sindbá.

O “ornito-bípede” de asas de largo vôo seria capaz de colocar um ovo que se assemelha a uma montanha branca. Diz-nos esse narrador das *Mil e uma Noites*: *subi ao alto de uma árvore, donde olhei para todos os lados (...) olhando para o mar só vi água e céu; mas tendo notado no lado da terra uma coisa branca, desci (...) verifiquei tratar-se de uma bola branca, de altura e de tamanhos prodigiosos. (...) Devia medir uns cinqüenta passos de circunferência*<sup>3</sup>. Com um ovo desse tamanho, não era de se admirar que a ave Roc alimentasse seus filhotes com elefantes.

A simbologia do pássaro vem associada ao vôo, que permite alcançar as zonas celestiais do Universo. O poeta da *Comédia* é levado por um pássaro – a “águia” Santa Luzia – até uma determinada parte de seu périplo, na montanha do Purgatório, ainda em terra. Contudo o emblema da águia vem nítido no Canto XVIII do Paraíso: um animal composto por vários outros seres. Os diversos reis justos que falam “eu” em lugar de “nós”. Eis a composição da águia no céu de Marte para Júpiter, na visão do poeta.

O poema da Attar, de tradição literária islâmica persa, dentro da qual o Simurgh habita o topo da fabulosa montanha de **qaf**<sup>4</sup>, narra metaforicamente a viagem do ser em busca da unidade. Em outras palavras, aparece aqui um tema universal: o arquétipo do homem em busca de si mesmo, em busca do conhecimento, no processo de conhecer-se a si mesmo. Esse processo implica a submissão do Ego aos desígnios do Eu-cósmico, à lei moral evidenciada por Emanuel Kant, que podemos enxergar como a consciência. O percurso do ser fragmentado em direção à unidade essencial – esta, real em oposição à ilusão dos desejos do Ego - é a elevação do ser do humano ao divino.

A questão dos diversos que compõem o Universo aparece no Cristianismo nas cartas de Paulo, o diverso do apostolado que se realiza como universo do corpo de Cristo:

<sup>3</sup> *As Mil e uma Noites*, Ediouro, da versão de Galland, Trad. A. Diniz, pp 184.

<sup>4</sup> Dicionário de Símbolos.

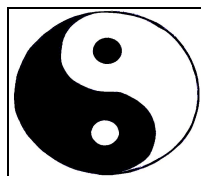


*Há, pois diversidades de dons, mas o espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera em todos nós. (...) Tudo isto, porém, o opera o mesmo e único Espírito, que distribui a cada um, conforme entende. Pois, assim como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora sejam muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo.*

*Foi num só Espírito que todos nós fomos batizados, a fim de formarmos um só corpo (...). Vós sois o corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe toca (...).<sup>5</sup>*

A águia descrita pelo poeta é formada pelas almas daqueles que amaram a Justiça, e em vida já alcançaram fama por seus atos.

O teatrólogo Grotovski comentava que somos dois: o pássaro que bica e o que observa, um vai morrer, um vai viver – um está dentro do tempo, o outro é atemporal. Quem quiser se salvar negue a si mesmo e carregue sua cruz, já dizia o Nazareno. O Ego é um elemento da psique humana, é o que realiza; o Eu cósmico é a essência do ser realizado. Essa bipolaridade do Cosmo está simbolizada na figura do TAO (*tei-gi*). A sabedoria oriental está menos voltada para um deus-pessoal que para um conceito de Universo Absoluto, contendo a pluralidade da existência. Lao Tse viveu na China no século IV a.C. e sua filosofia traz o vocábulo *wu-wei*<sup>6</sup> que significa a não interferência na ordem das coisas, deixando-se conduzir por uma cosmo-consciência, que se opõe à ego-consciência pequena e temporal. Mesmo com um conhecimento limitado da filosofia oriental já podemos compreender o porquê do “ego humano ser péssimo senhor, mas ótimo servidor”<sup>7</sup>, já que, se deixado às vontades desenfreadas do seu Ego, o homem não encontra nada a não ser destruição. Assim, o Ego inserido no tempo e no espaço, quando submetido à cosmo-consciência, que está fora do tempo portanto eterna, é capaz de realizar na realidade imediata e material.



<sup>5</sup> 1ª Carta aos Coríntios, 12, 4-31.

<sup>6</sup> TSÉ, LAO. *TAO TE KING*, pp 19, ed. Alvorada, trad. Humberto Rohden.

<sup>7</sup> Idem pp23.



No discurso da personagem Cacciaguida lê-se a partir do verso 28, a referência aos que, em vida, já realizaram obras valorosas e foram da lei da morte se libertando:

*(...) In questa quinta soglia  
Dell' **albero** che vive della cima  
E frutta sempre e mai non perde foglia,  
spiriti son beati, che giù, prima  
che venissero al ciel, fuor di gran voce,  
sì ch' ogni musa ne sarebbe opima.*

Eis que ressurge a figura da árvore dentro da *Divina Comédia*. Mircea Eliade dedica ao vôo celestial parte de suas pesquisas sobre o xamanismo. Dentre suas citações há um canto entoado por determinadas tribos siberianas, que se transcreve em seguida.

*Acima do Céu branco  
Além das nuvens brancas,  
Acima do Céu azul,  
Além das nuvens azuis.  
Sobe ao Céu, ó pássaro.<sup>8</sup>*

O canto não se refere à águia e sim a um ganso, mas pode-se notar a alusão ao vôo através das esferas celestiais.

De acordo com o dicionário de símbolos *Chevalier e Gheerbrant*, o *Simurgh* (ou *Simorgh*) tem um simbolismo rico e místico na literatura islâmica persa. Trata-se de uma categoria de pássaros mítico-fantásticos que têm características de águia. As penas do Simurgh possuem qualidades terapêuticas. Relata-nos a tradição que o pássaro em si é um sábio, e criou o herói Zal

<sup>8</sup> ELIADE, M. Técnicas arcaicas do êxtase. Pp



(**Shahnama** de Firdusi)<sup>9</sup>; quando eles tiveram que se separar, a ave deu algumas penas a esse amigo garantindo-lhe proteção, penas que quando queimadas trariam de volta a águia. O herói usou essas penas para curar parentes por quem tinha afeição.

A indumentária do xamã tem penas e ossos de pássaros mortos em caça. Da cultura xamânica vem a palavra *shaman*, da região siberiana. Apesar de ser um fenômeno oriundo da Ásia Central, observam-se elementos e características do xamanismo comuns em outras culturas de outros continentes: nas Américas, no sudeste asiático, Oceania, África, assim apresentam-se elementos comuns a todas as culturas arcaicas. Desse modo, Dante se enquadra no contexto da visão extática do xamã.

O domínio do fogo, a viagem extática de onde o xamã relata suas experiências para a salvação do próximo (humanidade) – e este, doente porque um espírito roubou parte de sua alma, espera pelo antídoto que vai curá-lo. O xamã é especificamente aquele que concentra em si a responsabilidade de médico, sacerdote (intermediário do divino, ligação entre terra e Céu, caminha ereto), guerreiro e homem das leis, capaz de sair de seu corpo e realizar viagens a outros lugares. No sentido *lato senso* o Poeta é um xamã, que vai a uma viagem transcendente e traz de lá uma experiência que se transmuta em obra literária dirigida à Humanidade, aos tempos futuros.

Todavia devemos estar atentos aos conceitos empregados. Lemos no prefácio da obra *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas de Êxtase*, de M. Eliade:

*O autor que aborda o xamanismo na posição de psicólogo será levado a considerá-lo antes de mais nada como revelação da psique em crise ou até mesmo em regressão; não deixará de compará-lo a certos comportamentos psíquicos aberrantes ou de classificá-lo entre as doenças mentais de estrutura histérica ou epiléptiforme.*

Portanto teremos que fazer uma leitura sociológica do xamã, do sacerdote, do mago; um estudo de sua origem e do prestígio decorrente de sua magia, seu papel na articulação da sociedade, as relações entre os chefes religiosos, chefes políticos e assim por diante.

Contudo não nos afastemos tanto, para estabelecerem-se limites e superação. Mas o que era o poeta no momento em que se inicia a viagem na *Selva Selvaggia*, senão uma alma em crise, um ser fragmentado e perdido na escuridão da ignorância, desprovido de razão? O exílio, a perda

<sup>9</sup> Chevalier e Gheerbrant. Pp 834.



dos bens, a humilhação por morar de favores foram fatores que arrasaram sua vida. Era uma mente em plena crise social (o exílio), psicológica (orgulho ferido, vingança) e religiosa (a perda da alma).

*A Divina Comédia* é a peregrinação do ser à sua essência; da ignorância e desespero ao conhecimento e a razão. Da fragmentação heteronímica da modernidade à unidade simples de ser. Isso nos remete à história do persa Attar. O autor da *Comédia* conhecia autores de tradição islâmica, notório.

O que não é notório é que, assim como o poeta, o xamã também é uma espécie de “eleito” e tem acesso à zona do sagrado inacessível a outros membros da comunidade. Interessamos que entre tribos Tchuktches, tungues, samoiedos ou turco-tártaros, “conhecem e apenas veneram um grande deus celeste, criador e onipotente; às vezes o próprio nome do Grande Deus significa Céu<sup>10</sup>”.

Portanto vemos um elemento de comunhão religiosa entre as culturas humanas arcaicas de toda a Humanidade. Elemento que se encontra também na católica e humanista *Comédia* de Dante. Assim como encontramos estudos sobre o recrutamento entre os buriates, altaicos, tungues, esquimós: por tradição hereditária ou por vocação espontânea.

Dante acreditava na nobreza como fruto da educação e nunca como oriunda de laços de sangue.

O xamã tem seu ritual de iniciação antes de poder acessar outros mundos, Dante também é o grande iniciado e escolhido, porque assim explica o poeta diante da dificuldade de realizar sua missão, evocada pelas três damas (a Virgem, Santa Luzia e Beatriz):

*Non perch' io pur del mio parlar diffidi,  
ma per la mente che non può reddire  
sovra sè tanto, s' altri non la guidi.*<sup>11</sup>

A concepção do Cosmo no xamanismo apresenta três zonas cósmicas e o pilar do mundo. “A técnica xamânica por excelência consiste na passagem de uma região cósmica a outra,

<sup>10</sup> ELIADE, M. *Xamanismo, técnicas arcaicas do êxtase*. Trad. B P. Moisés e I. C. Benedetti. Pp 21.

<sup>11</sup> Versos



da Terra para o Céu, ou da Terra para o Inferno<sup>12</sup>”. Um eixo une as três regiões cósmicas, “que podem ser atravessadas sucessivamente porque se encontram ligadas pelo eixo central. Esse eixo passa por uma “abertura”, um “buraco”; é por ele que os deuses (divindades) descem à terra e os mortos vão para as regiões subterrâneas; é também por ele que a alma do xamã em êxtase pode subir **voando** ou descer quando de suas viagens celestiais ou infernais”<sup>13</sup>.

Para a ciência da época de Dante, Jerusalém era o centro de *Ecumene*, o centro do mundo e por lá passava o eixo do Universo. É por onde ele penetra no reino dos mortos, passa ao outro hemisfério, sobe a montanha do Purgatório e ascende às esferas celestiais, alçando vôo pelas asas de uma “águia”.

O simbolismo ornitológico está refletido na indumentária do xamã, cujos três principais tipos são em forma de ave, cervo e urso – especialmente o primeiro.

Informa-nos o mitólogo que “*Mesmo onde a indumentária não apresenta estrutura ornitomorfa visível – como, por exemplo, entre os Manchus, fortemente influenciados por sucessivas vagas de cultura sino-budista –, o ornamento da cabeça é feito de penas e imita pássaro*”. O xamã mongol de “asas” nos ombros sente-se transformado em pássaro assim que enverga o hábito. (...) Baseado em seus informantes tungues, Shirokogorov afirma que a indumentária de pássaro é indispensável para o vôo ao outro mundo”<sup>14</sup>.

Apesar do simbolismo aéreo ser encontrado em quase todo o mundo, vinculando-se ao xamã, ou a feiticeiros, seres míticos ou personificações desses, precisamos “*levar em conta as relações míticas existentes entre a águia e o xamã. Recordemos que a águia é considerada o pai do primeiro xamã, desempenhando papel considerável na sua iniciação e encontrando-se no centro de um complexo mítico que engloba a Árvore do Mundo e a viagem extática do xamã. Não se pode tampouco perder de vista que a águia representa de certo modo o Ser Supremo (o TAO), ainda que fortemente solarizado. Todos esses elementos parecem contribuir para definir de modo bastante claro o significado religioso da indumentária xamânica: ao vesti-la, recupera-se o estado místico revelado e fixado durante as longas experiências e cerimônias de iniciação*”<sup>15</sup>.

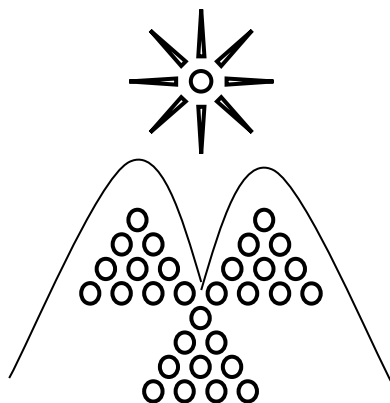
Há o mistério dos vários pássaros que ao final descobrem-se um ser único, uma ave chamada “Trintapássaros”, chefe de uma nação. Um número indefinido de pássaros inicia a ornada. No final da jornada apenas trinta chegam ao destino (3X10=10+10+10), esse são os que chegam. Vê-se um pássaro sem cabeça, de asas abertas e a calda.

<sup>12</sup> Pp 287

<sup>13</sup> Pp 287.

<sup>14</sup> Eliade, M. *Xamanismo Técnicas arcaicas*, pp181.

<sup>15</sup> Idem pp 182.



### ***A Simbologia numérica.***

Em seu livro *Dante, O grande iniciado*, Robert Bonnell parece conseguir trazer algo inédito. Dividido em sete capítulos, a obra é um curso de numerologia sagrada, de tarô, de alquimia e de esoterismo cristão. Dentre o estudo do simbolismo dos números interessa-nos a divisão do Inferno em baixo e alto.

O alto inferno está associado ao número cinco – seu aspecto negativo – os primeiros círculos onde estão os pecadores do Ego insatisfeito: luxúria, gula, avareza, ira. As forças do Ego estão se sobrepondo à missão do sopro divino. São os pecadores carnavais.

O baixo Inferno é associado ao número quatro, aspecto negativo remete ao “Ego, ofuscado pelo espírito do Mundo, incapaz de ter uma relação fecunda com a matéria, desprovido de toda força espiritual e divina, e podendo ir até a cristalização em um imobilismo mortífero<sup>16</sup>”.

Apesar de toda a formação e base cristã e católica, o poeta florentino constrói um sistema cósmico e filosófico que ultrapassa as dimensões do Ocidente. Encontram-se elementos das religiões mais evoluídas e de religiões arcaicas. A questão dos diversos que formam o universo está presente no Deus pessoal de Israel e Roma, assim como está presente no panteísmo. O eu-

<sup>16</sup> BONNELL, R, Dante, pp 300.





Ego (temporal) e o eu-Cósmico (atemporal) revela-se tanto no Ocidente como no Oriente com aspectos diferentes, mas essencialmente com o mesmo princípio religioso e filosófico.